

DERIVA, DELÍRIO, DEVANEIO modos de caminhar e perceber a cidade

Carlos Henrique de Lima¹

Resumo

Este trabalho é uma especulação teórica desenvolvida a partir de três noções: *deriva*, *delírio* e *devaneio* – palavras que circularam em diferentes tempos e espaços urbanos na segunda metade do século XX. *Deriva* refere-se aos métodos situacionistas de circular nas cidades. *Delírio* faz menção ao manifesto de Koolhaas sobre Manhattan publicado em 1978. *Devaneio* está presente numa passagem do Relatório do Plano Piloto de Brasília, de Lucio Costa, e faz menção ao caráter aberto e especulativo dos espaços urbanos que o arquiteto havia então projetado. Os termos revelam aspectos das cidades às quais se referem e, acreditamos, nos fornecem pistas sobre uma vida ao rés-do-chão que, em certa medida, escapa às prescrições urbanísticas. Neste ensaio, estas palavras contribuem para tecer uma reflexão focalizada no Plano de Brasília.

Palavras-chave: deriva, delírio, devaneio, Brasília.

DÉRIVE, DELIRIUM, REVERIE ways to walk and perceive the city

Abstract

This work is a theoretical speculation developed from three notions: drift, delirium and reverie - words that circulated in different times and urban spaces in the second half of the twentieth century. Drift refers to the Situationist methods of circulating in the city. Delirium refers to Koolhaas's Manhattan manifesto published in 1978. The reverie is present in a passage from Lucio Costa's Brasilia Pilot Plan Report and refers to the open and speculative character of the urban spaces he had designed. The terms reveal aspects of the cities to which they refer and, we believe, provide us with clues about a daily life that cannot be totally assimilated by prescriptions of urban projects. In this essay, these words contribute to a reflection focused on the Brasilia Pilot Plan.

Keywords: drifting, delirium, reverie, Brasilia.

A modernização foi enfrentada de variadas formas no campo que trata da cidade e do urbanismo. Em Guy Debord, intelectual das vanguardas políticas e artísticas europeias, a crítica ao capitalismo também era crítica à cidade num momento em que esforços de reconstrução urbana tomavam corpo em países arrasados pela guerra. Nos Estados Unidos, Rem Koolhaas propõe a conjugação entre culturas de massa e práticas urbanísticas, enxergando aí virtudes que, segundo o arquiteto, nunca foram enfrentadas devidamente no campo intelectual. Anos antes, ao final da década de 1950, Lucio Costa elaborou espécie de poética do cotidiano, do sujeito comum, por meio de textos de caráter ensaístico que se condensam no relatório do Plano Piloto de Brasília – elaborado para o concurso que escolheria o projeto da nova capital do Brasil.

Neste ensaio, destacamos três palavras referentes à reflexões dos autores supracitados: *deriva* refere-se aos procedimentos experimentais da Internacional Situacionista em circular com olhar crítico pelas cidades; *delírio* faz menção ao manifesto de Koolhaas sobre Manhattan, *Nova York Delirante*, originalmente publicado em 1978, em que o autor reflete sobre as novidades urbanísticas por ele identificadas como produtoras de constante instabilidade programática; *devaneio* está presente numa passagem do Relatório do Plano Piloto de Brasília (1957) de Lucio Costa e faz menção ao caráter aberto e especulativo dos espaços urbanos que havia então projetado. Em nossa interpretação, o caminhar/deslocamento é o que conecta essas três formulações. Consideramos que este nexos pode contribuir para perceber a cidade em seu caráter mutável e impermanente e que portanto guarda relativo contraste com o que for a apreçoado em diversas propostas urbanísticas da segunda metade do séc. XX. Nessa leitura, o cotidiano emerge como lugar da produção de sentido e de lugar. A aposta que se faz está mais próxima das experiências que das prescrições. Por isso, estes termos são em boa parte críticos em relação espaços a que se referem e fazem ressoar percepções contrastantes quando relacionados aos parâmetros morfológicos e normativos que integram o campo do projeto e planejamento urbano.

Se consideramos que as experiências nas cidades são formadas por uma paralaxe de percepções, o caminhar passa a ser instigador de leituras sobre o mundo e a vida. Na esfera das teorias urbanísticas, a experiência comparece como elo entre os saberes e a dimensão vivida. É o caso dos errantes urbanos que desestabilizam as noções hegemônicas de interpretação e intervenção nas cidades (JACQUES, 2012; SCHVARBERG, 2011). Fazendo alusão a Benjamin (2000), o que se propõe é considerar o que está narrado em *letras pequenas*. Remetemos aqui a uma vida ao rés-do-chão (CÂNDIDO, 1984), fonte e foco para caminhos de leitura que nos leve à outras compreensões dos aspectos histórico-culturais que configuram a cidade.

Por meio dos termos aqui elencados – deriva, delírio e devaneio – procuramos indagar sobre aquilo que muitas vezes fica suprimido nos professos de formação dos espaços urbanos. Consideramos estes termos como enunciadores críticos a aspectos da modernização. Nestes três casos, falamos de campos atrelados às zonas psíquicas latentes da cidade (deriva), ao ingovernável e o imprevisível – dizendo de outra forma, ao fantasioso – relacionado ao acúmulo (delírio), ao que se apresenta contrário aos prognósticos da razão e da vontades presentes na urbanização moderna (devaneio). Nos três casos, há deslocamento da percepção totalizadora do espaço urbano: na deriva, a respeito de se perder entre espaços, o caminhar como aspecto prospectivo; no delírio, a impossibilidade de se prescrever por meios tradicionais uma cidade pulsante como Nova Iorque, espécie de objeto potencial que não se deixa apreender na perspectiva do plano; no devaneio, a modernidade apresentada como inquietação numa cidade rarefeita e abstrata, oferecendo novos entendimentos sobre os acordos entre técnica, cultura e natureza.

¹ Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB).

O que se apresenta aqui é menos uma investigação e mais um deslocamento entre estas palavras, tendo como foco uma reflexão a respeito das cidades a que se referem. Particularmente, o interesse recai sobre Brasília – sua formação e seu estado presente.

Deriva

Contradições consideráveis permeavam o ambiente cultural europeu e parisiense ao final da década de 1960. A França se recuperava (simbólica e economicamente) do trauma da Segunda Guerra. Dentre outros fatores de otimismo, havia o pleno emprego. Mas isso não foi bastante para conter a maior greve da segunda metade do século XX em que milhares de pessoas tomaram as ruas com reivindicações que não diziam respeito apenas às questões materiais e distributivas, isto é, questões de classe. Sem programa definido ou proposição estruturada, estudantes e operários marcharam pelas ruas de Paris desafiando poderes – no entanto, sem ambicioná-los. A aversão às instituições é traço marcante destes movimentos que ficaram registrados na história como *maio de 1968*. É algo que também se apresenta na obra de Guy Debord (1931-1994) e demais formuladores da Internacional Situacionista. Dentre as instituições questionadas está o urbanismo e suas práticas, sobretudo aquele caracterizado pelo funcionalismo dos CIAMs (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna).

Os textos de Debord nos ajudam a compreender embates e dilemas cabais que emergiram no campo da esquerda em 1968. Assimilando influências do movimento Dadá e do Surrealismo, para Debord a vida cotidiana estava impregnada pela política. Contra a hegemonia das posições fixas encarnadas no agenciamento moderno, os Situacionistas propuseram *desfazer e reconfigurar* como operações urgentes. Com efeito, formularam um pensamento assentado nas ideias da psicogeografia, da deriva e da construção de situações (JACQUES, 2003a).

O maio de 68 não é movimento precursor da IS. Esta foi fundada dez anos antes a partir da combinação de grupos e movimentos que pesquisavam novas proposições para os campos da cidade, da arquitetura e do urbanismo. Em consonância com os movimentos sociais dos anos 1960, consideram os modos de vida de cada época indissociáveis de reivindicações revolucionárias. Defendiam o lazer como princípio e a invenção como prática. Para eles, os métodos de produção urbana deveriam dar espaço à construção contínua de situações, resultando num urbanismo menos laudatório e mais permeável. Constant Nieuwenhuys e Asger Jorgensen elaboraram a partir daí um pensamento urbano motivado pelo humanismo e pela crença revolucionária.

O termo *situações construídas* passou a circular entre estes intelectuais no final dos anos 1950 (BANDINI, 1998, p. 45, tradução do autor) para descrever “momentos da vida deliberadamente construídos por organizações coletivas, [um] ambiente unitário [...] associado à criação global da existência”. A construção de situações se realiza perante o “[...] princípio característico do espetáculo: a não participação”; e se cristaliza em torno da ideia de liberação da vida cotidiana diante do pensamento arquitetônico e urbanístico do funcionalismo (DEBORD, 2003, p. 57). A construção de situações rompe com o mundo roteirizado da arquitetura moderna, criando ambiências unitárias concreta e deliberadamente construídas por coletividades. Os Situacionistas afirmam que o funcionalismo, por seu caráter doutrinário, impede ou limita tais possibilidades de emancipação (idem).

No plano intelectual e prático, os Situacionistas questionavam o caráter programático

e disciplinar do urbanismo, propondo ações politicamente engajadas como forma de pensar quadros alternativos para o cotidiano. Estas alternativas estavam centradas na produção coletiva da cidade com convergência total entre arte e vida. Na noção de um *Urbanismo Unitário* proposto por Constant Nieuwenhuys nos anos 1950, enaltece-se a diversidade espacial contra o regramento urbanístico. Anos antes, parte destes movimentos, dentre os quais os *letristas*, consideram a deriva como prática de andar sem rumo, como *distração*. No *Urbanismo Unitário* o termo ressurgiu como possibilidade de alterar percepções automatizadas do espaço urbano, como manifestação contrária ao urbanismo normativo e utilitarista. O Situacionistas propunham ações articuladas em torno da dissidência e a favor de um espaço urbano capaz de revelar seus campos latentes.

Como observa Jacques (2002, 2003), talvez seja demasiado falar numa teoria urbana Situacionista. Por outro lado, a *construção de situações* e a *psicogeografia* da deriva são os elementos do repertório do grupo assentados na desconstrução da cidade existente. Diante de uma Paris de espaços públicos em franca modernização, as críticas Situacionistas viam a possibilidade de derivar e, com isso, articular novas imagens de sonho, algo como uma modulação temporária e influenciadora que, apesar de não ter em si um futuro, converte-se em potencial meio de ação. Amplificar as práticas experimentais seria uma oportunidade de reorientar as percepções capturadas pelo espetáculo que estava atrelado ao conforto material.

A arquitetura é um *meio de ação* (IVAIN, 2007, p. 22). Derivar é meio de formular hipóteses audazes, de produzir mapas *psicogeográficos* relativamente arbitrários “[...] de caráter não precisamente gratuitos, mas sim absolutamente insubmissos às influências habituais” (DEBORD, 2007, p.44). Quer dizer, imagens que, por realizações parciais, pudessem deslocar elementos urbanos, reordenar cenários e lugares. Nas palavras de Debord, “campos de força” que tenderiam ao equilíbrio instável e o aumento qualitativo de resultados imprevisíveis (ibid., p.52).

A deriva é parte da liberdade e do jogo instável descrito por Debord. Algo que poderia conduzir a comportamentos experimentais. E isto deveria ser incorporado por meio da arquitetura como alternativa libertária às investidas da cultura dominante. O comportamento lúdico-constructivo defendido por seus pensadores envolve deixar-se levar pelo inesperado, em que o acaso atua mediante novas e mais favoráveis condições. Neste sentido, o caminhar pela cidade é a reivindicação de aventura, da emergência de uma criatividade coletiva que acarreta o uso inventivo da cidade.

Delírio

Em 1978, Koolhaas publica *Nova Iorque Delirante*, livro de considerável importância para estudos a respeito da modernidade e suas consequências. Koolhaas descreve com admiração a vitalidade de Nova Iorque, cidade moderna onde se pode identificar princípios para um urbanismo contemporâneo. Para Koolhaas, em Nova Iorque as formas vorazes do capitalismo se mostram com esplendor, pois atreladas à cultura de massas – atitude que irá afastá-lo do grupo de intelectuais ao qual pertence (MONEO, 2008). Neste manifesto sobre Manhattan, Koolhaas procura desfazer o vínculo da modernidade com as utopias que estão na origem das vanguardas europeias, aceitando as muitas contradições que permeiam a dinâmica metropolitana daquele então. Com isso, busca maior articulação e convergência com a mutabilidade dos lugares; não com metas sociais amplas e preestabelecidas. Desse modo, o arquiteto se dirá confiante ante a modernização, mas crítico ao modernismo – sendo este caracterizado como movimento essencialmente artístico (KOOLHAAS, 2002).

Essa cultura de massas produz uma energia que impede a assimilação de Nova Iorque à qualquer tratado urbanístico. O *grid* de Manhattan escapa da interpretação apriorística da ciência urbana. Desde o Renascimento, quando a cidade deixa de estar sujeita sobretudo às circunstâncias e contingências para se estabelecer como domínio projetável. Quer dizer, a cidade torna-se lugar cujo futuro pode ser pronunciado e os tratados de urbanismo comumente remetem a uma cidade ordenada, equilibrada e com densidades igualmente distribuídas (MONEO, 2008). Para Koolhaas, Manhattan representa a congestão em todos os níveis: de edifícios, infraestrutura, pessoas. O congestionamento é tomado em chave positiva. Algo com o que arquitetas/os devem saber lidar. Nova Iorque não consiste numa textura relativamente homogênea – um “mosaico de fragmentos urbanos complementares”; pelo contrário, na cidade, “cada quadra está sozinha como uma ilha, entregue fundamentalmente a si mesma” (KOOLHAAS, 2008, p.122).

Em Manhattan, consolidou-se uma experiência (não premeditada) de intensa transformação material a psicológica em que os edifícios podem ser usados com mais liberdade do que que costume e a forma edificada é alheia às exigências funcionais. Ainda: onde funções podem ser acomodadas à forma dos edifícios com menos dificuldade (MONEO, 2008, p. 287). Assim, exterior e interior, pertencem a dois mundos arquitetônicos diferentes (KOOLHAAS, 1977), sendo os interiores permanentemente fluidos, sincronizados à volatilidade dos cidadãos metropolitanos.

No manifesto sobre Manhattan, assim como em muitos de seus memoriais de projeto, a perspectiva que se tem é a do caminhante. As quadras no *grid* de Manhattan são estados em miniatura onde realidades alternativas se instauram, um contexto em que todas as quadras são iguais, “enfaticamente equivalentes na filosofia tácita da retícula [...]” (KOOLHAAS, 2008, p. 121). Não havendo correspondência entre função e lugar, os edifícios mantêm relativa indeterminação. As múltiplas referências que o arquiteto articula produzem uma *fecundação transformadora* (MONEO, 2008, p. 289), uma hibridação que não permite se chegar à solução definitiva. Nessa visão, arquiteto não é quem projeta e especula, mas um sujeito que está *entre* os processos, um *catalisador* com capacidade de produzir formas para abrigar os programas da vida moderna (idem).

A vida moderna acontece em diferentes escalas, entre a já referida cultura de massa e a esfera individual. O cotidiano acontece na sobreposição de experiências e sentidos, não só ao rés-do-chão, na rua, mas numa continuidade que se prolonga nos edifícios. Para Koolhaas, o arranha céu por vezes funciona como *contêiner*, cuja *grandeza (bigness)* é um dos maiores prodígios nessa espécie de sucessão de autonomias que é a cidade americana. *Delírio* é este modo de conceber a cidade como um continuum espacial: pavimentos mantêm correspondência com o chão da rua, a malha multidimensional que daí resulta (*grid*) é o campo fecundo em que se conjugam experiências diversificadas de deslocamento.

Um breve parêntese sobre algo de ilustrativo a esse respeito. Na reflexão sobre São Paulo que deu origem a sua tese, Bucci (2010) sugere ler os quilômetros de infraestrutura de mobilidade em São Paulo num conjunto que envolve não apenas as linhas de trem e metrô, mas também a malha de elevadores. Nessa espécie de cidade ampliada é possível os domínios públicos e privados estejam em constante reconfiguração.

Este potencial não é apenas retórica intelectual, mas algo acatado como virtude por Koolhaas quando desenha proposta para o concurso do *Parc de la Villette* (1982). Neste caso, a solução foi enfrentar o problema propondo arranjos provisórios de atributos desejáveis, em que a especificidade arquitetônica e a indeterminação

programática se apresentam num ajuste contínuo, podendo ser acomodadas numa experiência perceptiva (o projeto) relativamente estável (KOOLHAAS, 1995, p. 921). O princípio da indeterminação programática como base para a concepção formal permite qualquer modificação, derivação, reposição ou substituição sem que seja modificada a hipótese inicial. Nessa interface, surgem eventos imprevistos, ideia colocada ante o desafio de projetar um “condensador social baseado na congestão horizontal: o tamanho do parque” (idem). O projeto desenvolve numa sequência de diagramas em que são acomodados os elementos do programa, dos usos gerais aos particulares. Tática que permite criar uma dimensão máxima de bordas com um número elevado de componentes programáticos.

O arquiteto pensa o parque a partir de faixas (*bands*) que seriam ativadas por catalisadores específicos (MONEO, 2008, p. 298). As faixas permitem criar mudança e reposição, sem disjunção, a partir de pontos fixos de infraestrutura. A analogia proposta no memorial descrito é de um arranha céu cujos pavimentos acomodam eventos diversos e o resultado é mais do que a soma das partes. *La Villette* foi proposto como lugar de decompressão na malha urbana parisiense a partir da criação de duas formas distintas de caminhos: *bulevares* e *promenades*. Estas circulações obedecem a uma diferenciação hierárquica que varia conforme os interesses dos transeuntes e ao mesmo tempo é capaz de assimilar uma integração fortuita das faixas (*bands*). Koolhaas apresenta hipóteses da confluência de atividades, sendo estas configuradas por uma fisionomia particular. Isto é necessário em qualquer projeto. O que particulariza sua hipótese é o modo como elementos edificados se misturam num desenho marcado pela indeterminação: “arbustos ocasionais abrem vistas num jogo entre enclaves e conexões que produz um efeito de contração ou expansão do campo de visão aparente.” (KOOLHAAS, 1995, p.930, tradução do autor). *Promenades* e *Bulevares* oferecem duas experiências opostas de circulação: reservada ou extrovertida². “Enquanto que o fim da *Promenade* é derivar continuamente, nos *Bulevares* se realiza um trajeto sem surpresas – seus estágios progressivos estão sempre claros” (KOOLHAAS, 1995, p. 931, tradução do autor). Na *promenade* há surpresa, nou *boulevares*, certeza. A vegetação, concebida na escala dos principais elementos arquitetônicos, também apresenta contrapontos. Segundo o memorial, “a floresta linear, ao sul do Canal de l’Ourcq e a floresta circular no centro do parque guardam correspondência dialética: do natural para o artificial, do sólido para o vazio, das espécies perenifólias para as caducifólias” (idem).

Assim como em *La Villette*, Koolhaas elabora outras hipóteses a respeito deste objeto potencial: a cidade em seu acúmulo de experiências formais e de uso. O caminhar nas cidades “delirantes” se faz diante de sua ambivalência programática e funcional. Na cidade contemporânea, a trama do *grid* talvez possa ser lida como as faixas propostas por Koolhaas para *La Villette*, em que predominam campos de tensão mais que zonas hierarquizadas. A experiência de circular por estes espaços se manifesta na radicalidade do uso livre, sendo este um valor paradigmático da arquitetura moderna.

Devaneio

Os espaços livres sustentados pelos discursos da arquitetura moderna encontram em Brasília novas articulações. Quando circulamos no Plano Piloto percebemos o quão entremeadas estão as escalas da cidade. Nas unidades de vizinhança, compreende-se melhor o que é se distanciar do tráfego ruidoso da metrópole. Esta pretendida

² No original, “the secretive vs. the blatant”. C.f. KOOLHAAS, 2008.

diluição da estrutura urbana num arranjo rarefeito (WISNIK, 2001) entra em frequente contraste com as demandas de funcionamento da capital. Em muitos casos, caminhar por Brasília, seja no Plano Piloto ou nas cidades satélites, é enfrentar o vazio. Este vazio se configura ora como espaço potente, ora como lugar residual (no último caso, sofre frequentemente assédio especulativo do capital imobiliário privado).

Em Brasília, este vazio potencial e latente fundamenta uma passagem a respeito da concepção do Plano que soa instigante. No relatório de 1957, Lucio escreve que a cidade seria “própria ao devaneio e à especulação intelectual”, afirmando-a, assim, não apenas como propícia ao trabalho ordenado e eficiente, mas como cidade viva e aprazível, capaz de converter-se, “com o tempo, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país” (COSTA, 1995, p.283).



Imagem 1: Sem Título (2013). Fonte: Isabella Carneiro.

Devaneio é perder-se em cogitações, pensar coisas vãs, conceber na imaginação. É também divagar, “caminhar sem rumo; andejar; vagar, vaguear”³. Mais do que uma passagem a esmo, o tempo empregado por Lucio Costa revela uma aposta no cotidiano como algo semelhante à *quebra do monumental e da ênfase* referida por Cândido (1984) a respeito da crônica como gênero literário. Em Lucio Costa, este sentido cotidiano e de composição solta é identificado nas superquadras, sendo que estas não deixam de apresentar correspondência com a escala representativa e simbólica da capital. Forma-se uma *monumentalidade que não oprime*, uma “lírica do mundo comum” (TELLES, 2018, p. 626). Em vez de se debater com a oposição arte-técnica/ natureza-cultura, Lucio se situa entre estas categorias.

³ AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. Dicionário Aurélio eletrônico século XXI. [S.l.]: Nova Fronteira, 1999. Versão 3.0 - 1 CD-ROM.



Imagem 2: Sem Título (2013). Fonte: Isabella Carneiro.

Nos textos de Koolhaas sobre a metrópole marcada pela *cultura da congestão* há presença constante do cidadão metropolitano, aqueles a quem o arquiteto se dirige com sua arquitetura. Nos vários textos de Lucio Costa, ele muitas vezes se dirige “a um interlocutor comum, o cidadão [...] seja ele usuário ou autoridade civil [...] Raramente aos arquitetos (TELLES, 2018, p. 617). Isto é revelador uma vez que, embora a obra de Lucio Costa seja tributária da matriz corbusiana, esta não resulta em um modelo. No lugar de discursos e de falas precisas do arquiteto suíço, Costa faz uso de amplas digressões e do tom coloquial. Lucio Costa encarna postura dubitativa em relação às prescrições e normativas da modernidade. Assume olhar afetuoso ligado à pessoa comum. Dá atenção semelhante ao que delimita seu plano urbano no âmbito geral e os pormenores relacionados aos seus efeitos na vida cotidiana.

Paralelos talvez possam ajudar nessa elucidação. Ao contrário da ironia de Frank Lloyd Wright e Corbusier - que demonstram espécie de “desespero afirmativo diante

do estado do mundo” (TELLES, 2018, p. 618) – Koolhaas abraça a indeterminação e a potência presente no *manhattanismo*. Costa, por sua vez, afasta-se da figura estrita do profissional: é um intelectual que se debruçou sobre contradições e dilemas das circunstâncias brasileiras. Por isso talvez, Telles (2018) identifique na crônica o registro mais próximo da maneira pela qual o arquiteto apresenta seus preceitos urbanísticos. Citamos outra vez Antônio Cândido (1984) para quem a crônica tem o ar de coisa sem necessidade e que, em sua despretensão, humaniza.

Exemplo disso está na própria descrição das superquadras, onde estas “seriam apenas niveladas e paisagisticamente definidas, com as respectivas cintas plantadas de grama e desde logo arborizadas, mas sem calçamento de qualquer espécie, nem meios fios” (COSTA, 1995). Igualmente reveladora é a maneira pela qual descreve diferentes entres porte e configuração da vegetação em diferentes escalas: nos setores monumentais as árvores formam fundo para as obras arquitetônicas, já nas áreas residenciais dominam a paisagem amortecendo-a, fazendo com que os prédios quase desapareçam entre as folhagens. Árvores e arbustos são dispostos ora em renques de espécies predominantes e suplementares em torno das quadras, ora em bosques de *feição naturalista*, caso da escala bucólica dedicada às amenidades e passeios bucólicos para a população. Há semelhança aqui entre o que Koolhaas argumenta sobre os contrastes entre os aspectos visual e sensorio que imaginou para *La Vilette*.

Na caracterização dos espaços que projetou, Lucio Costa deixa transbordar certo ideal de vida. Em Monlevade, vê-se “a feição despretensiosa dos arruamentos e calçadas, como atualizações das velhas capistranas, pois o tratamento rústico dado ao paisagismo tem por função dissolver o caráter marcadamente urbano de seus espaços[...]”. A descrição da tonalidade branca das louças de uso diário é outro índice do quão prosaico pode ser um plano urbanístico. De forma semelhante, Lucio propõe cadeiras de lona verde, a serem mantidas pela municipalidade em Brasília, “para que o transeunte possa espairecer” (Lucio Costa, 1962, p. 322). Exemplos em que a vida na cidade se apresenta entre o que é generalizável (os códigos, as normas) e o particular (no cotidiano do caminhante, do transeunte). A cidade se contrói na presença, na interação, como quando escreve que os caminhos não deveriam ser prontamente pavimentados, mas apenas quando já estivesse desenhado pelo desenho dos pedestres. Em Costa, esta é uma das expressões em que mais se desfigura a objetividade do agenciamento moderno.

Podemos ir além no que se refere a essa incorporação efetiva do bucólico ao monumental e do amortecimento do conjunto urbano na paisagem adotadas no desenho de Brasília. Ronaldo Brito (2004) é muito preciso ao apontar que parece não haver na obra de Lucio Costa a oposição entre natureza e cultura, mas sim sua continuidade fenomenológica. Para Lucio, o ser humano é o veículo da tecnologia escolhido pela natureza. Se admitirmos a humanidade como o lado lúcido da natureza, encontraremos dificuldade em pensar nas oposições formuladas pelo desenvolvimento da modernidade arquitetônica. A diluição do desenho urbano enfrentada por Lucio Costa oferece fragmentos que configuram camadas de leitura apreensíveis apenas no convívio íntimo e prolongado que se faz em seus espaços abertos.

Lucio Costa mantinha postura oclante em relação à técnica e sobre a real possibilidade desta equacionar as carências do país. Diante disso, preenche seus memoriais com ironias sutis – ainda que carregas de afeto – o que constitui uma estética do cotidiano a das propriedades talvez seja a indistinção entre meios e fins. Assim, ao rigor geométrico que pode ser identificado no Plano Piloto de Brasília a partir de uma perspectiva aérea, é confrontado o despojamento que relativiza o caráter abstrato

dos espaços urbanos.

Em 1958, quando participava de um debate sobre cidades-capitais, Lucio dá uma resposta instigante o ser questionado sobre as superquadras. Afirma que gostaria de ver o mínimo de casas ao se percorrer o conjunto urbano, que não se poderia garantir no futuro a qualidade arquitetônica dos edifícios; que a ênfase deveria ser dada ao monumental, “quase como se estivéssemos fora da cidade quando se deixa o centro” (TELLES, 2004). Na mesma ocasião, o arquiteto diz que suas experiências são para criar percepções simultâneas entre diferentes escalas, unidades pequenas e independentes dentro da cidade, sem deixar de contemplar escalas maiores, as áreas monumentais.

Se em Corbusier “a defesa do mundo técnico é uma estratégia que faz de sua obra uma tática ofensiva” em Lucio, há hesitação ante “as relações sociais engendradas pela era moderna” (TELLES, 2004, p.179). Esta ambiguidade se manifesta na maneira como objetividades técnicas se misturam à reminiscências que a arquitetura deve à tradição. A técnica é um “pano de fundo que deverá suprir as carências mais imediatas [...] mas à arquitetura cabe reparar a maior carência de um país novo: a necessidade de cultura”, pois, no país, não há passado que tenha sedimentado uma tradição, algo de que Lucio se ressentia (ibid., p.180).

Estes problemas são muito significativos para pensar Brasília numa perspectiva pedestre, ao rés-do-chão. As referências aqui elencadas levam a caminhos que extrapolam esta leitura, ressaltamos apenas aspectos que implicam na dimensão corporal e perceptiva do caminhante. Em sua concepção sobre urbanismo, Lucio ressalta a feição nobre e digna que conduz ao sentido monumental – monumentalidade que não oprime, pois *não exclui a graça*. Em Costa, a descrição dos espaços se faz na perspectiva do caminhante, incorporando a seu modo a ideia de *promenade* tão cara a Corbusier. Em Koolhaas, o contraste entre *promenade* e *bulevares* se efetua na disposição e arranjo das árvores e na marcação das faixas no piso. Por sua vez, Lucio Costa descreve as passagens entre estas atmosferas por meio de vagas impreções.

No anteprojeto para a Universidade do Brasil (1936), galerias, pátios e varandas mostram estreitas relações e, combinados à vegetação, produzem um caráter de localidade, de simplicidade *derramada e despretenciosa* (GOROVITZ, 1995). Este uso rarefeito do solo se apresenta também no projeto (parcialmente realizado) do Plano Urbanístico da Barra da Tijuca, onde se deveria manter o ar bucólico da campina verde – ressalte-se a distância entre as torres de habitação previstas: 1km. Em Brasília, o enquadramento arborizado foi pensado para garantir a feição recolhida e íntima. Na Plataforma de cruzamento dos eixos, o caráter gregário deveria ser também tanto quanto acolhedor

Essas percepções cruzadas (*derramada e concisa; gregária e acolhedora*) derivam de lugares geometricamente definidos mas que são também diluídos na paisagem. Aqueles que se movimentam a pé entre esses espaços estão sujeitos a deslocamentos sucessivos de percepção. São espaços nivelados paisagisticamente – cada qual a partir de um princípio, como assinalado acima – mas que estão sempre no limite entre *definição* e a *dissolução*. Tal aspecto de *limiaridade* e *simultaneidade* coloca em suspenso o caráter propriamente urbano dessa concepção urbanística. Para Sophia Telles, reside aí uma relação alternada entre espaços íntimos e monumentais, em ambas as escalas, “[...] a preemência da paisagem agreste e dos amplos espaços [...]”, o que distancia seu projeto de outras experiências urbanísticas da arquitetura moderna em que se considera a planificação em decorrência dos problemas da era industrial” (TELLES, 2010, p. 196).

Assim, ao *devanear* por este espaço onde parece não haver síntese definitiva entre técnica e natureza, somos levados a buscar sempre restabelecer atributos e percepções. Em lugar de oferecer um cenário definitivo, Lucio nos leva a identificar o *menor* na grande escala, e vice-versa. A beleza da singularidade é confrontada por aspectos latentes e insinuantes feitos na contínua interseção da esfera cotidiana com as dimensões dos temas amplos, monumentais. O *devaneio*, talvez seja a aposta de Lucio em oferecer espaços de reflexão ao caminhante numa cidade de modo mais aberto do que seus contemporâneos. A brevidade de suas descrições deixa espaço para que se aposte no que será feito da cidade a partir das inclinações e aspirações que resultam do desejável amadurecimento cultural, da soma de visões de mundo.

Considerações

Neste texto, apresentamos breves questões teóricas a respeito do caminhar em diferentes circunstâncias, levando em consideração aspectos presentes nas obras de três pensadores marcantes para a modernidade arquitetônica e urbanística. As palavras *deriva*, *delírio* e *devaneio* contribuíram para conduzir uma discussão em que apresentam problemas atinentes ao campo do urbanismo. Nossa intenção não foi localizar e restringir estas palavras aos seus contextos de emergências; ao contrário, estes termos sinalizam matizes e nuances de percepções no campo arquitetônico e urbanístico.

A ideia da deriva é tema que encontra relativa penetração nos campos do pensamento e da prática urbanística nos dias de hoje. A expressão é associada de forma recorrente às incursões potencialmente capazes de questionar e modificar modos de pesquisa e produção da cidade e representam um esforço de levar a sério àqueles com quem interagimos. Essa característica de alteridade surge num contexto de intensa movimentação política, em que a imagem urbana estava sendo modificada com grande rapidez – seguida de proporcional transformação nos modos de vida. O termo *delírio* foi mobilizado a partir do texto de Koolhaas sobre Manhattan para se referir o caráter impermanente desta cidade (moderna por excelência), formada em decomposição fragmentária, *ilhas* em justaposição. Nessa ótica, Manhattan é construída continuamente sobretudo a partir de experiências, e não de predeterminações herdadas.

De modo semelhante, *devaneio* foi o termo pinçado numa passagem escrita por Lucio Costa a respeito do Plano Piloto. Nas palavras do autor, a cidade moderna se caracteriza em boa medida pela vagueza e indeterminação, pela interrelação entre as escalas e pela definição geométrica diluída pela presença da vegetação. Isso torna a perspectiva do caminhante, de quem usa a cidade, importante para se considerar outras formas sensíveis fundadas na experiência que permitem perceber a cidade de forma mais múltipla que unitária.

Referências bibliográficas

BANDINI, Mirella. *L'Esthétique, le Politique de Cobra à l'Internationale Situationiste (1948-1957)*. Tradução: Claude Galli. Roma: Editions Sulliver et Via Valeriano, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRITO, Ronaldo. Fluida Modernidade. In: NOBRE, Ana Luiza; KAMTA, J.M. Lucio Costa. *Um modo de Ser Moderno*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, pp. 249-245

BUCCI, Angelo. *São Paulo, razões de arquitetura. Da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes*. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

CÂNDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-99.

CÂNDIDO, Antonio. *Memória descritiva do Plano Piloto (1957)*. In: Registro de uma vivência. São Paulo: Editora do Sesc; Editora 34, 2018, p. 283-295.

DEBORD, Guy. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional. In: JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003, pp. 43-59.

FELÍCIO, Erahsto. *Internacional Situacionista: deriva, psicogeografia e urbanismo unitário*. Porto Alegre: Deriva, 2007.

GOROVITZ, Matheus. *Brasília: uma questão de Escala*. São Paulo: Projeto, 1995.

JACQUES, Paola Berenstein. *Internacional Situacionista: teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. *Breve histórico da Internacional Situacionista – IS*. In: Vitruvius, ano 3. Abril de 2003a.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EdUFBA, 2012.

KOOLHAAS, Rem. *Life in the Metropolis or The culture of congestion*. In Architectural Design n/. 47, 1977.

KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, Rem. S,M,L,XL. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.

MONEO, Rafael. *Inquietação Teórica e Estratégia Projetual*. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

SCHVARSBURG, G. *Rua de contramão: o movimento como desvio na Cidade e no urbanismo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2011.

TELLES, Sophia Silva. Utilidade Lírica. In: NOBRE, Ana Luiza; KAMTA, J.M. Lucio Costa. *Um modo de Ser Moderno*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, pp. 280-287.

TELLES, Sophia Silva. Ensaio sobre a utilidade lírica. In: COSTA, Lucio. Registro de uma Vivência. São Paulo: Editora 34 / Edições Sesc São Paulo, 2018, pp. 617-628.

WISNIK, Guilherme. Lucio Costa entre o empenho e a reserva. In: **Lucio Costa**, São Paulo: Cosac Naify, 2001.

XAVIER, Alberto (org.). *Lucio Costa: Sobre Arquitetura*. Porto Alegre; Editora UniRitter, 2007.

XAVIER, Alberto. Ensaio sobre a utilidade lírica. In: COSTA, Lucio. *Registro de uma Vivência*. São Paulo: Editora 34 / Edições Sesc São Paulo, 2018.